

Admirável / Mundo?! / Novo¹

Potiguara M Silveira Jr²

/ADMIRÁVEL /

Final dos anos 1960, início dos anos 1970. Era como que obrigatório a todo jovem estudante ter lido pelo menos dois livros: *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1949), de George Orwell. Eram prospecções sobre como estaria o mundo em certas datas: em 2540, para Huxley, e em 1984 propriamente, para Orwell.

Outros autores também fizeram suas prospecções: Ray Bradbury, por exemplo, em *Fahrenheit 451* (1953), que se passa em um futuro indeterminado... Evidentemente, todos estão falando do presente em que estavam e visualizavam um futuro distópico, com estados totalitários, vigilância onipresente, proibição da leitura de livros, revisionismo histórico, artefatos tecnológicos substitutos de contatos humanos, estado de guerra permanente...

Na mesma linha, no cinema já havia *Metropolis*, de Fritz Lang (1927). Mas entre os anos 1960 e 1980, há três filmes notáveis: *2001: uma odisseia no espaço* (1968), de Stanley Kubrick, baseado em texto de

¹ Apresentado no 20º. Encontro do TecMen (Tecnologias da Mente) com o tema “Admirável Mundo Novo?”, realizado on-line em 08 dezembro 2020. Versão em vídeo disponível no canal “Psicanálise NovaMente” do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=URoM6U2P-_o&t=630s

² Professor titular (UFJF). (NovaMente/RJ).

Arthur C. Clarke; *Alphaville* (1965), de Jean-Luc Godard; e *Blade Runner: caçador de andróides* (1982), de Ridley Scott, livremente baseado em conto de Philip K. Dick.

Em todos, a presença dominante da tecnologia determina as ações, os comportamentos e os afetos das pessoas. Isto a ponto de o personagem de Godard vir a *Alphaville* para convencer o cientista Von Braun a destruir o computador Alpha 60 que inventara. Computador este que havia eliminado o sentimento das pessoas.

São perspectivas sombrias que pareciam ter ficado sem horizonte de realização, sobretudo após a derrubada do Muro de Berlim (1989), quando certo sonho de convívio global ainda se mostrava bem realizável e mesmo desejável por todos e para todos. É justamente essa ideia de “por todos” e “para todos” que agora, trinta anos depois, ressurgiu concretamente inviável, contestada e excluída de muitas agendas políticas. Os empenhos atuais parecem ir no sentido de enfatizar as localidades, as raças, as culturas específicas, a geopolítica...

A título de exemplo, vejamos o que, para Orwell era o “duplipensamento” que estaria em vigor em 1984:

saber e não saber, ter consciência da verdade honesta e completa contando mentiras meticulosamente engendradas, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se cancelam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando em ambas.

Pode parecer absurdo, mas é possível isso vigorar – como, aliás, vemos atualmente em vários lugares do mundo.

O interesse aqui, quanto a isso, é retomar o que Freud, em ([1925]a), escreveu sobre o mecanismo da *Denegação*. Como, para ele, não há nenhum “não” vindo do Inconsciente, “a denegação é uma forma

de tomar conhecimento do que foi recalcado, (...) mas não, certamente, uma aceitação do recalcado” (p. 277). Daí, desta não aceitação, decorre uma “rejeição, através da projeção, de um pensamento que acabou de surgir” (p. 276). É rejeitado mediante a expressão de um *não* para ele. O que essa operação mostra é que aquilo foi pensado, mas imediatamente excluído.

Por outro lado, o mecanismo de denegação é uma operação que torna viável buscar acompanhar a força dos *sins* que estão por detrás dos *nãos* enfáticos e enraivecidos que invadem nosso atual cotidiano tecnológico. Os “nãos” são a prova de que já foi produzido um ambiente em que tudo que se busca negar se mostrou de algum modo possível, e mesmo praticamente realizável – digamos: tecnologicamente realizável.

Daí que, mais do que falar em *admirável*, a psicanálise falaria sobretudo em: Perplexidade – num *Pensamento Perplexo* atual que, para alguém de *sim* e *não*, atenta para uma situação de unificação anterior a ambos – situação essa que, ela, *produz* as oposições. É o caminho de volta a um *ponto de bifididade* (Magno [2012]: item 18). *Bífido* significa: um fendido em duas partes, bifendido, assim como é a língua das cobras. É, então, do Bífido que resultam os *sins* e *nãos*.

Portanto, parece plausível falar em um amplo processo de denegação em vigor atualmente. Ou seja, mediante a veemência do *não* é possível avaliar a força do *sim*, a força daquilo que se busca negar sabendo que já foi afirmado. E justo porque foi afirmado, esvaziou as bases de alguma certeza que até então parecia inquestionável. Como isso traz angústia, busca-se evitá-la negando. Tarefa inglória, aliás – pois não impede o recalcado de ficar retornando onde menos se espera.

/ MUNDO ?! /

O termo intermediário de nosso título, *Mundo*, parece algo óbvio. Os mineiros, por exemplo, acham que:



A *psicanálise atual* – aquela em uso aqui, montada por MD Magno nos anos 1980 a partir de Freud e Lacan: a *Nova Psicanálise* ou NovaMente – não discorda de que mineiros possam achar isso sobre o mundo, mas é preciso mais.

O texto citado sobre a *Denegação* é exemplar da intenção de Freud em conceber a psicanálise como um modo original de pensar o psiquismo diferentemente de outros discursos, da filosofia, da psicologia, da sociologia... A diferença está em que, para a psicanálise, como diz Freud, também em ([1925]b), num artigo intitulado *As resistências à psicanálise*: “...o psíquico é antes *inconsciente* em si, [e] estar consciente é apenas uma qualidade que pode ou não juntar-se ao ato psíquico particular e nele nada mais altera, caso fique ausente” (p. 258).

Daí que a ideia de Mundo da psicanálise não pode se confundir com o que pensam esses outros discursos. Então, para entender a diferença discursiva da Nova Psicanálise, lembremos que, em 2000, ela explicita a **disjunção** entre **Haver** e **Ser**. Disjunção que será bem mais desenvolvida por MD Magno a partir de 2006. *Haver* diz respeito à experiência de qualquer pessoa. É a “experiência da porrada de estar aí” ([2006]: p. 79) – e de estar condenado a aí estar sem saída. É a experiência que cada um de nós tem de que *há*, e de que há tudo que há por aí.

É uma experiência bruta, dolorosa e indizível – e quando vamos dizê-la, pois é só o que nos resta fazer [que isto fique bem claro, aliás], já estamos no âmbito do *Ser*. A filosofia, por exemplo – e poderíamos dizer o mesmo das ciências humanas em geral – faz suas argumentações, suas afirmações, suas “decisões e escolhas [...] no campo do Ser” e, “portanto pensa que o verbo é tudo” (*id.*, p. 76). Diz Freud que, para a maioria dos filósofos, o psíquico é considerado apenas “um fenômeno da consciência” ([1925]b: p. 257).

Então, diferentemente da psicanálise, a filosofia, em sua constituição, não é afetada pelo Haver, por esse Lugar de pura neutralidade. Ela não conta com a operação do Haver como sua *origem*. O mundo para a filosofia diz respeito à existência, à existência no mundo, ao que somos no mundo. Mas

embora no percurso da análise possamos procurar saber quem estamos sendo, **fazemos análise para ver se lembramos que havemos**. Isto está esquecido por estarmos envolvidos na fofoca do mundo e acreditarmos que somos essencialmente, radicalmente, a estorinha besta que vivemos (Magno [2007]: p. 56).

O que vemos ocorrer no mundo, nas pessoas, são sobretudo referências a formações sintomáticas, a insistências em permanecer operando referidas a conhecimentos consolidados – e, frequentemente, opressores de nossas ações e pensamentos.

Daí que a operação psicanalítica é, como dito antes: rememorar a *Experiência de Haver*, a qual traz a possibilidade de suspender momentaneamente as pressões sintomáticas do mundo – e conseqüentemente operar dentro delas (pois não se permanece fora delas), relançando-as e buscando produzir articulações, próteses, artifícios, artefatos, entendimentos, que diminuam o mal-estar diante das opressões que nos impõem.

Caberia, portanto, a cada um fazer esse caminho de volta, de ir ao Bífido mencionado antes. Isto, por uma boa razão: “...se lá não for, não sabe regressar; se lá não passar, não pode re-considerar os objetos [isto é, o mundo], quer dizer, tornar a valorizá-los com certo desprezo” (Magno [1988]: p. 204). A via da psicanálise é, então, de *rejeição do mundo* – mas com Tesão pelo I-mundo. Este é, aliás, o sentido do movimento da Pulsão: desejar o que não há (A→Ã).

Assim: “Uma coisa é estar apegado aos objetos e às coisas do mundo porque não se tem distância em relação a eles. Outra é achá-los *todos* o maior barato” (*id.*) – porque os despreza.

“...o trabalho da psicanálise é conduzir cada um a seu ponto de indiferença [o Bífido], arrancá-lo do Ser”.

Uma Pessoa é: “Haver sendo”.

MAGNO [2006]: p. 104 e 103

NOVO

Freud fala em “resistência psíquica ao novo”. Segundo ele, somos tomados por um *desprazer* diante do que não conhecemos. “A fonte desse desprazer é a exigência que o *novo* faz à psique, o dispêndio psíquico que requer, a incerteza exacerbada em angustiosa expectativa, que traz consigo” ([1925b]: p. 253).

As ocorrências do mundo são, sobretudo, sintomáticas, interessadas em insistir em sua permanência. Então, se houver algum mundo novo, ao invés de admirá-lo, em geral o que fazemos é resistir ao novo desse mundo, é supor que bom mesmo era o que já foi – só por já ter sido. Entretanto, essa resistência não funciona por inteiro o tempo todo. O tédio não permite. Há sempre que contar, como faz a psicanálise, com que “...também se observa o comportamento oposto, uma autêntica sede de estímulos, que se lança a tudo que é novo simplesmente por ser novo” (id., p. 253).

Referências

FREUD, Sigmund. [1925a] A Negação. In: *Obras Completas*, v. 16. SP: Cia das Letras, 2011.

_____. [1925b]. As resistências à psicanálise. In: *Obras Completas*, v. 16. SP: Cia das Letras, 2011.

MAGNO, MD. [2012] *SóPapos 2012*. A sair.

_____. [2007] *A Rebelião dos Anjos*. RJ: NovaMente Editora, 2009.

_____. [2006] *AmaZonas: A Psicanálise de A a Z*. RJ: NovaMente Editora, 2010.

_____. [2000/1] *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: Novamente, 2003

_____. [1988] *De Mysterio Magno: a nova psicanálise*. RJ: Aoutra, 1990.